



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

GERÊNCIA EM SAÚDE
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

ANA GABRIELE GALDINO OLIVEIRA

A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA
NA MÍDIA TELEVISIVA BRASILEIRA

Rio de Janeiro
2021

ANA GABRIELE GALDINO OLIVEIRA

A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA
NA MÍDIA TELEVISIVA BRASILEIRA

Monografia apresentada à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio,
como requisito para aprovação no Curso
Técnico de Nível Médio em Saúde, na
Habilitação Gerência em Saúde.

Orientadora: Renata Rufino Amaro

Co-orientadora: Danielle Cerri do Nascimento

Rio de Janeiro
2021

ANA GABRIELE GALDINO OLIVEIRA

A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA
NA MÍDIA TELEVISIVA BRASILEIRA

Monografia apresentada à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio,
como requisito para aprovação no Curso
Técnico de Nível Médio em Saúde, na
Habilitação Gerência em Saúde.

Aprovado em: ____/____/2021.

Banca Examinadora

Profa. Pesquisadora Fernanda do Nascimento Martins
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ESPJV/Fiocruz

Profa. Pesquisadora Valéria Fernandes de Carvalho
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ESPJV/Fiocruz

*Dedico este trabalho a todas as
mulheres negras, como uma forma de
resistência a tudo que passamos.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por me ajudar a superar os obstáculos para o desenvolvimento do trabalho.

A minha orientadora Renata, que foi essencial para o meu trabalho, que me ajudou a deixá-lo do jeito que queria e a minha coorientadora Danielle Cerri.

A minha família, por todo o apoio.

Aos meus amigos, que passaram por este processo junto comigo e me incentivaram a todo momento.

*“(...)Um dia é princesa, outro dia é guerreira.
Garrra e força, coragem, é mulher brasileira.
Uma hora garota, em outra hora mulher.
Ela sabe onde ir, ela sabe o que quer.
Pretinha bonita, trançada, de turbante.
Ela sonha, ela luta, ela vai adiante.”*

(Trecho do poema “Menina mulher preta” de
Alessandra Martins)

RESUMO:

Este projeto tem como objetivo tratar sobre a (in)visibilidade da mulher negra na mídia, tomando por base o feminismo negro. Entendendo a importância de tratar a questão do feminismo negro em uma categoria à parte, pretendemos relacionar a questão com os processos históricos escravistas do Brasil, que historicamente subalterniza o negro, sobretudo a mulher negra, colocando-a sempre numa condição inferior às demais mulheres e aos homens na sociedade. Visa apresentar como a mídia pode influenciar a visão das pessoas com relação aos lugares da mulher negra, e, sobretudo, o poder dessa mídia na construção do imaginário social, que na maioria das vezes, coloca a mulher negra em um lugar inferior ou ainda, hipersexualiza seu corpo. A continuidade dessas práticas vai refletir e consolidar ao longo dos tempos em ações racistas e machistas. Trabalhar a representatividade (ou a falta desta) da mulher negra na mídia televisiva e na sociedade é importante enquanto práticas sociais afirmativas em busca da mudança desses paradigmas.

Palavras-chave: Feminismo negro; Hipersexualização; (In)visibilidade da mulher negra e Mídia televisiva.

LISTA DE FOTOS E FIGURAS

FOTOS

FOTO 1 - Novela Porto dos Milagres

FOTO 2 – Novela Esperança

FOTO 3 – Novela Caminho das Índias

FOTO 4 – Propaganda de sabonete da marca Dove

FIGURA

FIGURA 1 – Propaganda da cerveja Devassa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - Breve Histórico do racismo no Brasil.....	17
CAPÍTULO 2 – A influência da mídia brasileira na população: Como as mulheres negras são representadas nessa mídia?.....	27
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata sobre a (in)visibilidade da mulher negra na mídia televisiva, que é uma grande influência para a população brasileira. Importa discutir sobre como as etnias são representadas nessa mídia e, levando em conta o contexto de hipersexualização da mulher negra, relacionar com o contexto histórico social e racial do Brasil. Interessa-nos mostrar o quanto essas representações (ou a falta destas) na mídia causam impactos na vida da mulher negra brasileira, apontando as conquistas do feminismo negro em relação a este assunto.

A discussão sobre o feminismo negro é extremamente importante por conta das mulheres negras serem ainda inferiorizadas em relação às mulheres brancas, de forma geral. Segundo a filósofa Djamila Ribeiro (2017), a mulher negra é considerada “o outro do outro”, por vivermos em um país patriarcal e racista. A elite é majoritariamente representada pelos homens brancos e a mulher negra é a antítese desse padrão por conta do gênero e da etnia. Na primeira onda feminista que ocorreu logo após a revolução francesa, entre o final do século XIX e o século XX, as mulheres brancas iam para as ruas reivindicar pelo direito ao trabalho, por exemplo, o que se configurou numa luta que não pertencia às mulheres negras, ou seja, as negras estavam à parte dessa luta, já que trabalhavam desde a época da escravidão. Desse modo, faz-se importante apontar tal fato, pois o feminismo em sua raiz não abarcava as causas específicas das mulheres negras.

A falta de representatividade da mulher negra nos mais variados espaços é uma questão que deve ser tratada de forma ampla. A maneira como a figura da mulher negra é apresentada na mídia, nas empresas, no carnaval, nas profissões liberais e na sociedade de forma geral, fez com que desde pequena sentisse essa falta de representatividade. O fato, por exemplo, de não ter tido nenhuma boneca que representasse a minha etnia, fez com que desde muito cedo essa temática figurasse em minha vida. Questionava-me o porquê não tinham bonecas negras nas lojas, nos comerciais de televisão, e ainda a razão pela qual era tratada de forma diferenciada até mesmo pelas crianças de minha idade.

Nesse sentido, a questão norteadora dessa pesquisa é: *“Como a mídia televisiva influencia na visibilidade e na (in)visibilidade da mulher negra brasileira? Como e quando*

nossa etnia aparece e de que maneira é representada? Essas são as questões iniciais para a nossa pesquisa.

O uso da ferramenta gramatical "(in)" logo no título do trabalho, tenta fazer o entendimento e referenciar a quase total invisibilidade da mulher negra na mídia. Vamos explicar melhor: vivemos em um país extremamente racista e patriarcal, onde essa os negros e negras em especial não se encaixam em certos lugares de poder, ou seja, a mulher negra tem visibilidade na mídia televisiva quando para representar o “lugar do oprimido socialmente”, ou simplesmente ocupando a função hipersexualizada, principalmente quando se quer atingir o público masculino. Por outro lado, percebe-se que se for para ocupar lugares de maior destaque ou dar vida a personagens bem sucedidas e que ocupem um lugar de poder, percebemos nitidamente a não representação dessa classe. Nesse sentido, a forma (in)visibilidade remete a esse escopo.

De modo similar, utilizaremos nesse trabalho o vocábulo “etnia”, tendo seu entendimento como sendo, de acordo com Nogueira et al (2008), como marcador das relações tensas por causa de diferenças nas tonalidades de pele, que abrangem a constituição das sociedades, caracterizadas por suas distintas raízes culturais. E para o termo raça, utilizaremos Kamenbele Munanga e Abdias do Nascimento na perspectiva de marcar a presença desse aspecto social, uma vez que a história nos mostra o quanto essa dimensão foi importante no fortalecimento do racismo como opressão de grupos, na perspectiva do conceito de fenótipo, diferentes daqueles que ocupam os lugares privilegiados por serem hegemônicos.

Várias são as formas que podemos perceber essa falta de representação da mulher negra na mídia e na sociedade de forma geral. Além disso, ressaltamos a exploração da imagem sexualizada da mulher negra, como por exemplo: A personagem globeleza e outras personagens negras de algumas novelas.

Para trazer a ideia de hipersexualização da mulher negra, temos, dentre várias, a *Mulata Globeleza*. A *Mulata Globeleza* foi uma personagem criada pela Rede Globo, interpretada inicialmente por Valéria Valenssa, que hoje tem 49 anos. Criada no bairro da Pavuna, Rio de Janeiro, Valéria fez um curso gratuito de modelo aos 12 anos e desde então participou de diversos concursos e vencendo alguns, como o da garota tropical num desfile

realizado por uma discoteca e de garota Charlie Chaplin num evento promovido por um salão de beleza. Em 1989 disputou o título de garota de Ipanema, e embora tenha ficado em quarto lugar, encantou os jurados, dentre eles Hans Donner, que é designer gráfico e na época era o responsável pelas vinhetas da Rede Globo e a convidou para estrelar a vinheta de carnaval na emissora.

A partir disso, Valéria Valenssa fez parte das vinhetas de abertura do carnaval brasileiro da emissora acima citada. A *Mulata Globeleza*, personagem vivida por Valéria ficou por mais de uma década no ar.

Apesar de seu talento, Valéria é uma mulher negra que possui um corpo passível de ser exibido e objetificado, de acordo com os padrões impostos pela sociedade. Com isso, essa personagem era usada para divulgar o carnaval brasileiro, sobretudo o carioca, tendo para isso seu corpo exposto e exibido, coberto apenas por uma pintura artística, a qualquer hora do dia na televisão.

A escolha da *Mulata Globeleza*, à época, foi bastante acertada de acordo com os propósitos de divulgação do carnaval no mundo, que é uma festa global associada principalmente ao samba, que por sua vez, está associado com a negritude. Desse modo, a personagem fez sucesso durante muitos anos, contribuindo para o fortalecimento da objetificação da mulher negra na mídia televisiva.

Com relação às novelas, podemos observar que a construção das histórias envolve muitos personagens, sendo, a grande maioria, interpretados por atores e atrizes com a tonalidade de pele branca. Atores e atrizes negros e negras, quando aparecem, geralmente são para interpretar personagens como o ladrão, a empregada doméstica, a amante, a prostituta etc. Isso fortalece o processo histórico racista do Brasil. As propagandas por sua vez, também reforçam o papel muitas vezes racista e sexista da mídia, no intuito de chamar a atenção sobretudo para o público masculino, basta pararmos para perceber alguns comerciais de cerveja, por exemplo.

O Brasil é um país forjado em bases racistas e preconceituosas, e desde o seu início os negros eram discriminados. Podemos dizer que o racismo no Brasil começa a dar seus primeiros sinais desde a época da escravidão, em seu contexto mais ampliado, que ia desde o trabalho forçado, onde os negros eram obrigados a trabalhar para senhores brancos contra

a sua vontade e sem remuneração alguma, ao estupro das mulheres negras escravizadas, que eram usadas para satisfazer os desejos sexuais de seus senhores (RIBEIRO & BENELLI, 2017). Desse modo, percebemos que o racismo e a discriminação nos marca até os dias de hoje, dando conta de um processo de exclusão que se estabelece de forma negativa, sempre tentando colocar o negro nos lugares mais subalternos e inferiorizados.

De acordo com os relatos da história do Brasil, as mulheres negras na maioria das vezes eram obrigadas a trabalhar como empregadas, fazendo todo e qualquer tipo de serviço na casa dos senhores, e alguns, não satisfeitos, ainda as usavam para fins sexuais abusando-as inúmeras vezes (BECKLES, 2011). É daí que entendemos as origens da dita miscigenação, elemento importante do processo de formação do povo brasileiro e também o termo "mulata" que segundo Djamilia Ribeiro (2018), o termo se origina da palavra "mula" que faz referência a um híbrido em relação ao cruzamento de espécies, que no caso da escravidão foi um cruzamento humano forçado. O termo "mulata" não é um elogio, como muitas pessoas ousam usar, e sim, um desrespeito à mulher negra violentada.

Após a escravidão os negros não foram devidamente inseridos na sociedade. Não eram mais escravizados, mas continuavam sendo tratados como inferiores por serem diferentes, e isso deixou uma marca na sociedade até os dias atuais. De acordo com Isildinha B. Nogueira (2016) no artigo “O Corpo da Mulher Negra”, como os negros se sentiriam representados em um lugar social que até “ontem” eles eram excluídos? Não podemos entender a posição da mulher negra e do corpo negro na sociedade, sem levar em consideração a herança escravocrata do Brasil.

Isildinha B. Nogueira (2016, p.3) também fala sobre a questão de como era visto o corpo da mulher, de acordo com o trecho abaixo:

Seu corpo, historicamente destituído de sua condição humana, coisificado, alimentava toda sorte de perversidade sexual que tinham seus senhores. Nesta condição eram desejadas, pois satisfaziam o apetite sexual dos senhores e eram por eles repudiadas, pois as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente (p.3).

O contexto histórico do Brasil está diretamente relacionado com o racismo e a hipersexualização do corpo da mulher negra pelo jeito que ela era tratada como no trecho

acima. Nos dias de hoje temos uma sociedade em que a mulher negra é hipersexualizada e subalternizada, o que tem relações direta com uma mídia televisiva na qual ela é representada desta maneira.

Podemos perceber outras formas de racismo para além da mídia televisiva. Segundo a revista Carta Capital (2017), no artigo “O teu discurso não nega, racista”, a marchinha de carnaval “O teu cabelo não nega”, de Lamartine Babo (1932), utiliza o termo mulata logo nos primeiros versos. A utilização do termo é de cunho pejorativo e racista, conforme os versos a seguir:

“O teu cabelo não nega mulata
Porque és mulata na cor
Mas como a cor não pega mulata
Mulata quero seu amor”

Os versos acima passam a ideia de que a negritude precisa ser negada, o que não é possível por conta da estrutura do cabelo crespo. Da mesma forma, o amor da mulata só é desejado uma vez que “a cor não pega”. Nesse contexto, percebemos que essa marchinha é cantada até os dias de hoje sem uma reflexão do conteúdo dos seus versos. E assim prossegue.

Sendo assim, o racismo vem sendo naturalizado pela maioria das pessoas através de músicas, novelas, filmes, propagandas etc. Isso acontece muitas vezes de forma imperceptível, e é importante que as pessoas se conscientizarem da forma velada como isso tem ocorrido.

A mídia televisiva tem o poder de demonstrar realidades (muitas vezes distorcidas) sobre uma sociedade, influenciando a população dessa sociedade a acreditar nessa realidade produzida, que é mostrada muitas vezes de forma negativa, como no caso das mulheres negras. Nesse contexto, pretendemos também analisar a representatividade (ou a falta dela) da mulher negra na mídia televisiva através de alguns personagens de novelas, de uma importante rede de televisão privada. A investigação desse elemento nos propiciará a identificar (ou não) a manutenção de estereótipos racistas e discriminatórios na sociedade de forma geral.

Na mídia televisiva do Brasil, as novelas, seriados e propagandas costumam hipersexualizar e subalternizar a mulher negra, influenciando a população de maneira que a

faça acreditar, mesmo que de forma inconsciente, que ela só pode permanecer nesses lugares. Com isso, continuamos reforçando uma sociedade racista, machista e patriarcal na qual a mulher negra somente tem visibilidade desta maneira.

Esse cenário precisa ser mudado reeducando a visão das pessoas sobre as mulheres negras, e mudar principalmente a visão que elas têm sobre si mesmas. É importante até para a sua própria saúde mental que se sintam representadas em lugares de poder para acreditarem que podem fazer tudo o que quiserem!

Nesse sentido, às questões norteadoras dessa pesquisa estão pautadas na maneira como as mulheres negras são representadas (ou não) na mídia brasileira, um setor que ainda apresenta e vende a ideia de que o negro deve ser representado nos lugares mais subalternos da sociedade, e por quais razões isso ocorre. Para tal, descrevemos como objetivo geral do estudo demonstrar a (in)visibilidade da mulher negra no contexto de sua representatividade na mídia televisiva brasileira, tentando identificar estereótipos de hipersexualização da mulher negra e racismo em algumas novelas e propagandas. Além disso, pretendemos relacionar a invisibilidade da mulher negra na sociedade, trazendo à tona apontamentos sobre o racismo no contexto histórico brasileiro.

Observar o contexto histórico do racismo no Brasil faz-se necessário para compreender as razões pelas quais esse assunto precisa e deve estar em voga sempre. Essa é uma discussão que atravessa várias outras nas sociedades e, apesar de não ser, em hipótese alguma, uma discussão exclusiva dos negros e negras, é importante que nós, enquanto maioria na população brasileira, estejamos engajados ou pelo menos sejamos capazes de compreender o nosso lugar de fala.

Desse modo, o fato de ser mulher e negra no Brasil e desde criança me sentir discriminada até mesmo por crianças da minha idade, hoje em dia, me levou a questionar o porquê isso acontecia dessa forma. Então, tomando por base o contexto histórico de racismo no Brasil, a história e condição social da mulher negra chama a atenção por conta de seus desdobramentos ao longo do tempo.

Sendo assim, também percebi que a mídia é a maior protagonista desse preconceito, por quase nunca mostrar uma mulher negra, e quando mostra a põe em lugares de nenhum destaque ou hipersexualizam o seu corpo. Nesse contexto, verifica-se a falta da

representação negra nesses espaços de forma mais concreta e diversificada, de modo a eliminar ou pelo menos não reproduzir a imagem negativa sobre as mulheres negras, construída e consolidada ao longo dos anos. Isso faz com que as mulheres e crianças negras se sintam cada vez menos representadas e queiram parecer cada vez mais com as mulheres que veem na mídia, sobretudo, as de pele e olhos claros, e com cabelos lisos.

O fato de ser negra e no que diz respeito a minha própria vivência, me levou a questionar elementos como: o fato de eu me sentir hipersexualizada e o fato de desde criança não me sentir representada na televisão e em outros espaços. Quando criança, nem mesmo nas brincadeiras me sentia representada, pois só tive acesso a bonecas que representavam a branquitude. Essa vivência me impulsionou a pesquisar um pouco sobre essa falta de representatividade em diversos setores sociais.

O caminho percorrido para a nossa discussão foi a pesquisa qualitativa. Como estratégias de pesquisa, utilizamos a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Scielo, além de artigos científicos, tendo como referências para busca as palavras-chave: feminismo; feminismo negro, hipersexualização e (in)visibilidade da mulher negra. Além disso, analisamos três novelas da primeira década dos anos 2000, que foram exibidas na Rede Globo de televisão, por ser uma expressiva fonte midiática para este tipo de análise. Analisamos também duas propagandas, nas quais questões como o racismo estrutural e a machismo/sexismo são bastante evidentes.

Nosso estudo foi baseado em autoras como a filósofa brasileira Djamila Ribeiro, que será uma das principais referências dessa pesquisa, por ser uma importante representação do feminismo negro no Brasil. Além disso, outras referências importantes para essa discussão como Angela Davis e Conceição Evaristo foram “visitadas” para a composição da pesquisa.

CAPÍTULO 1 - BREVE HISTÓRICO DO RACISMO NO BRASIL

Esse capítulo tratará sobre o histórico do negro e do racismo no Brasil e o que aconteceu com os negros depois que a escravidão foi abolida e como isso reflete nos dias de hoje com o racismo. Buscaremos ainda trazer algumas informações sobre a condição das mulheres negras na escravidão. Entretanto, não é nosso propósito esgotar a discussão sobre raça, etnia e racismo no Brasil, nossa intenção é apenas trazer a ideia de um racismo estrutural que invisibiliza os negros e negras de forma geral.

Para iniciar nossa breve discussão sobre o racismo, acabamos por perpassar o conceito de etnia. Na visão cotidiana, muitas vezes esses conceitos se confundem, ou se entrelaçam.

O autor Kabengele Munanga em seu artigo intitulado “Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo” (2010), faz alusão ao conceito de etnia, como:

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que possuem em comum um ancestral, um território geográfico, uma língua, uma história, uma religião e uma cultura. Colocando-se numa posição etnocêntrica, seus membros desenvolvem preconceitos étnicos ou culturais quando manifestam tendência em valorizar sua cultura, visão do mundo, religião, etc. e em menosprezar as de outras etnias que consideram inferiores. É o que chamamos de etnicismo, que está na base do nepotismo africano que as mídias chamam de tribalismo (p.5).

Já o conceito de raça é tratado a fundo pelas ciências Biologia e Sociologia, trazendo para a discussão uma complexidade muito maior do que pretendemos tratar neste estudo. Contudo, podemos abordar a questão trazendo alguns autores que expressam os termos e trazem significativas contribuições para a discussão da temática. De acordo com a Biologia, o conceito de raça foi abolido por ser entendido que só existe uma raça, a raça humana. O artigo “Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar” aborda o assunto ao dizer que: “a área biológica comprovou que as diferenças genéticas entre os seres humanos são mínimas, por isso não se admite mais que a humanidade é constituída por “raças”.” (NOGUEIRA, 2008, p.4). Já de acordo com Santos (2010), “O termo raça tem uma variedade de definições geralmente utilizadas para

descrever um grupo de pessoas que compartilham certas características morfológicas” (p. 122), e dessa forma, não caracterizando plenamente diferenças entre os diversos grupos humanos. Ainda de acordo com Santos:

O genoma humano é composto de 25 mil genes. As diferenças mais aparentes (cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz) são determinadas por um grupo insignificante de genes. As diferenças entre um negro africano e um branco nórdico compreendem apenas 0,005% do genoma humano. Há um amplo consenso entre antropólogos e geneticistas humanos de que, do ponto de vista biológico, raças humanas não existem (p.122).

Ou seja, na Biologia, admite-se que somos apenas uma raça, a raça humana, uma vez que as diferenças entre os genótipos são mínimas, não sendo esse fator, relevante para classificação do indivíduo na sociedade, nem tampouco justificativa para o racismo praticado com os negros. Entretanto, sobre a questão da racialização, Munanga faz a seguinte observação:

Embora não concordemos com essa abordagem raciologista é sobre ela que se dará o maior enfoque do nosso trabalho, por causa dos pressupostos ideológicos por ela introduzidos e que até hoje dominam nos estudos sobre a mestiçagem. O que significaria ser "branco", ser "negro", ser "amarelo" e ser "mestiço" ou "homem de cor"? Para o senso comum, estas denominações parecem resultar da evidência e recobrir realidades biológicas que se impõem por si mesmas. No entanto, trata-se, de fato, de categorias cognitivas largamente herdadas da história da colonização, apesar da nossa percepção da diferença situar-se no campo do visível. É através dessas categorias cognitivas, cujo conteúdo é mais ideológico do que biológico, que adquirimos o hábito de pensar nossas identidades sem nos darmos conta da manipulação do biológico pelo ideológico (p. 17-18, 1999).

Assim, no campo sociológico, o termo raça é utilizado de forma importante para informar características físicas e culturais do indivíduo. Nos escritos do autor Silvio de Almeida, em seu livro “O que é racismo estrutural” (2019 p.7), o termo raça atribui duas características, a primeira, em que a identidade racial será atribuída por traços físicos-fenótipo, como a cor da pele, e a segunda, a parte étnico racial em que a identidade racial é associada a cultura e costumes do indivíduo estando, desse modo, o termo raça na Sociologia muito além das discussões acerca de quem é preto ou quem é branco.

Sobre as questões da negritude no Brasil, Abdias do Nascimento traz o tema de

forma cirúrgica quando faz a seguinte citação:

Como norma metodológica a ser observada neste trabalho desejamos inicialmente recusar discutir as classificações comumente mantidas pelas ciências sociais quando tentam definir o negro no Brasil; estas definições designam os brasileiros ora por sua marca (aparência) ora por sua origem (raça e/ou etnia). Ocorre que nenhum cientista ou qualquer ciência, manipulando conceitos como fenótipo ou genótipo pode negar o fato concreto de que no Brasil a marca é determinada pelo fator étnico e/ou racial. Um brasileiro é designado preto, negro, moreno, mulato, crioulo, partio, mestiço, cabra - ou qualquer outro eufemismo; e o que todo o mundo compreende imediatamente, sem possibilidade de dúvidas, é que se trata de um homem-de-cor. Isto é, aquele assim chamado descende de escravos africanos. Trata-se, portanto, de um negro, não importa a gradação da cor da sua pele. Não vamos perder tempo com distinções supérfluas ... (NASCIMENTO, p.42, 1978).

De acordo com Santos (2010), compreendemos que há uma construção específica de identidade do negro e sobretudo da mulher negra dentro da sociedade, considerando seu passado histórico dentro de uma sociedade patriarcal e extremamente machista, na qual o posicionamento construído da mulher negra ocupa situação secundarizada, que vai além da cor da pele e da aparência física, que muitas vezes minimiza inclusive sua condição humana.

Levando em conta ainda a formação do povo brasileiro, é importante lembrar que a miscigenação forçada nos levou à mistura de povos europeus, africanos e indígenas, dando ao próprio brasileiro uma condição de povo secundário, pois é difícil classificar essa própria miscigenação, com tantos elementos, costumes, “raças” e etnias diferentes. Entretanto, esse fato já torna-se um grande direcionador às práticas racistas levadas à cabo ao longo do tempo.

De acordo com o minidicionário da língua portuguesa, racismo é a teoria que defende a superioridade de um grupo ou raça sobre outro; segregacionismo. No Brasil, essa discriminação racial começou quando os indígenas foram colonizados pelos os portugueses e depois os negros africanos, que foram trazidos para serem escravizados, pois eram considerados inferiores por conta da cor da sua pele. Naquela época, pretos, mestiços e índios nem eram vistos como raça e sim como *subespécies* (RUFINO, 1985).

Joel Rufino, em seu livro "O que é racismo" (1985, p. 34) afirma que

O racismo não é produto de mentes desequilibradas, como ingenuamente se poderia supor; nem existiu sempre, ou existirá sempre, como toalmente se poderia pensar [...]. O racismo é um dos filhos do capital, com a peculiaridade de ter crescido junto com ele.

Isso quer dizer que o racismo não faz parte da natureza humana, não é uma coisa irreversível, o racismo pode ser combatido com informação e com a mídia que exerce uma grande influência sobre a população brasileira, mas será que isso é uma prioridade? Talvez não, uma vez que o poder ainda está concentrado nas mãos dos homens brancos que não são afetados pelo racismo.

Na mesma obra, o autor acima citado trata também sobre a maneira que o Brasil esconde seus conflitos ao invés de enfrentá-los, como diz no trecho abaixo:

Nos Estados Unidos o negro tem uma pistola apontada para sua cabeça; no Brasil, ela está apontada para suas costas. Para quem segura a pistola, a segunda situação é, sem dúvida, mais cômoda. (*Ibidem.* p.46).

Nesse trecho, o autor compara o Brasil com os Estados Unidos falando sobre o racismo, dando a entender que o Brasil esconde e/ou nega os seus conflitos, e desse jeito o racismo nunca vai acabar. Para enfrentar o problema, primeiro é preciso que a sociedade brasileira assuma que é racista.

O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão (RUFINO, 1985), e mesmo assim, isso ocorreu por pressão de países como a Inglaterra, no intuito de ampliar seus mercados consumidores. A escravidão no Brasil foi abolida para “modernizar” o país, na tentativa de inseri-lo em um contexto mais favorável no comércio internacional, uma vez que em todos os outros países a escravidão já havia sido abolida. Contudo, os negros não foram devidamente inseridos na sociedade, o que tem reflexos ainda hoje em nosso país. Segundo o autor Mário Theodoro, no livro “As Políticas Públicas e a Desigualdade Racial no Brasil 120 anos após a Escravidão” (2008, p.66), a condição inicial do negro no Brasil, se dá como no trecho a seguir:

No momento da abolição, foram suprimidas as barreiras formais que a escravidão oferecia à competição dos negros com os brancos pelas posições sociais. Mas quando os portões são abertos e se facultam aos negros o ingresso na corrida, os brancos já estão quilômetros adiante. Essa é a condição inicial. Para que os negros superem a desvantagem imposta por ela, é preciso que, a cada geração, percorram uma distância maior do que a percorrida pelos brancos. Se não conseguem fazê-lo, a desigualdade racial existente no momento da abertura dos portões persiste (p. 66).

Nesse trecho o autor fala sobre a condição inicial dos negros, logo quando a escravidão foi abolida. Ou seja, negros ficaram atrás no avanço social, já que tinham sido escravizados e não tiveram acesso a essas mudanças, então quando houve a abolição da escravatura eles eram socialmente atrasados em relação aos brancos e essa era a sua condição inicial. Desse modo, como se igualariam aos brancos se estavam 300 anos atrasados e não tiveram nenhuma política de inserção na sociedade? Ao contrário, na prática do branqueamento, as políticas públicas eram de exclusão e marginalidade. Os negros não tiveram ao menos uma qualificação pelo trabalho feito, e, quando houve uma pequena chance de serem inseridos no mundo do trabalho, foram “substituídos” pelos imigrantes que estavam chegando.

Antes da abolição da escravidão, houve a proibição e depois, a abolição do tráfico de escravos em 1850, que conseqüentemente ocasionou o enfraquecimento do trabalho escravocrata. Na metade do século XIX começou o processo de substituição da mão de obra dos escravos pela força de trabalho dos imigrantes europeus. Na época da abolição da escravidão, o Brasil estava incentivando a imigração para o “branqueamento” do país, já que o Brasil era considerado um país atrasado por conta de sua população negra. Como os negros, quando deixaram de ser escravizados não tinham qualificação, estudo, moradia e muito menos acesso à educação, restou a população negra apenas os lugares subalternizados da sociedade, enquanto os imigrantes ocupavam os lugares de trabalho nos setores mais dinâmicos, e os negros iam procurar os serviços menos valorizados pela sociedade.

Com essa distinção, os negros eram reconhecidos como um obstáculo para o desenvolvimento do país e o que resolveria o problema seria a imigração, para o branqueamento do país e a extinção dos negros, pois a ideia de desenvolvimento não dependia só da economia, mas também da etnia de seu povo. E esse processo deixou marca na vida dos negros até hoje, que sofrem com o racismo.

O autor Florestan Fernandes, em seu livro “A integração do negro na sociedade de classes” (1965, p.42) também fala sobre essa condição inicial do negro e como foi difícil a inserção do negro na sociedade após a escravidão, onde os brancos já estavam extremamente avançados e buscando meios para melhorar a sua posição na estrutura de poder, como destaca no trecho a seguir:

Enquanto o branco da camada dominante conseguia proteger e até melhorar sua posição na estrutura de poder econômico, social e político da cidade e enquanto o imigrante trocava sucessivamente de ocupações, de áreas de especialização econômica e de posições estratégicas para a conquista de riquezas, de prestígio social e de poder, o negro e o mulato tinham que disputar eternamente as oportunidades residuais com os componentes marginais de sistema - com os que "não serviam para outra coisa" ou com os que "estavam começando bem por baixo"[...]. Desse ângulo, onde o "imigrante" aparecesse, eliminava fatalmente o pretendente "negro" ou "mulato", pois se entendia que ele era o agente natural do trabalho livre (p.42).

Ou seja, o negro saiu da condição de escravizado sem vida social organizada e ao invés de ser devidamente inserido na sociedade, a partir de políticas públicas efetivas para a inclusão (como geração de empregos, moradias, saúde e educação), ele foi sumariamente excluído como categoria social e ficou por fora das modernidades do capitalismo e conseqüentemente, fora do mercado de trabalho. Isso porque os então ex-escravos não foram inseridos na sociedade como trabalhadores livres, eles simplesmente foram libertos e ainda por cima, esses trabalhadores foram preferencialmente trocados pelos imigrantes europeus que vinham para assumir os postos de trabalho e ainda para compor o “branqueamento” do país.

O autor Florestan Fernandes também fala sobre o que aconteceu com o negro, que ficou sem alternativas já que o seu trabalho foi substituído e não tinham conhecimento no mundo moderno, conforme passagem a seguir.

Diante do negro e do mulato se abrem duas escolhas irremediáveis, sem alternativas. Vedado ao caminho da classificação econômica e social pela proletarização, restava-lhes aceitar a incorporação gradual à escória do operariado urbano em crescimento ou se abater penosamente, procurando no ócio dissimulado na vagabundagem sistemática ou na criminalidade fortuita meios para salvar as aparências e a dignidade do "homem livre (Ibidem. p.44).

Depois da escravidão com esse cenário no Brasil, os negros, sem opções, foram obrigados trabalhar nas funções menos valorizadas socialmente, e os que não conseguiam, ficavam simplesmente à mercê dos acontecimentos sociais, ou seja, eram lançados à própria sorte. Nesse contexto, o processo cruel de marginalização dos negros vinha cada vez mais tomando forma.

O racismo então, é uma consequência de todos esses processos de exclusão do negro na escravidão, e perpetuado após a mesma, uma vez que não foram devidamente inseridos na sociedade. Era simplesmente como se os negros não existissem, ou considerava-se que sua existência era um atraso social para o país. Logo, o racismo se apresenta como a crença que determinada “raça” é superior a outra apenas por conta da cor da pele, e o caminho para combater o racismo além de aceitar que ele é um problema, é uma mudança da mentalidade que foi construída no nosso país, e o reconhecimento de uma sociedade diversa para a busca da igualdade e da equidade. Entretanto, sabemos que isso não se faz apenas no discurso; é preciso a geração de políticas públicas inclusivas para acolher e desenvolver essa significativa parcela da sociedade. O autor Kabengele Munanga em seu artigo “Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo” (2010) faz uma citação acerca dessa questão, em relação ao sistema de castas existente na Índia:

Assim, as castas são grupos hereditários endogâmicos cujos membros são unidos pelos traços de sangue e econômicos. Hierarquizadas, cada casta se considera mais nobre e conseqüentemente superior em relação às outras posicionadas embaixo da pirâmide social. Por isso, a Índia foi o primeiro país a instituir a política das cotas em benefício das castas dos intocáveis, em 1950, ou seja, três anos após sua independência, obtida em 1947. Porque, apesar de ter sido juridicamente anulado o sistema de castas, os dirigentes indianos tinham consciência de que as crenças religiosas têm mais força de coação numa sociedade de crentes do que as leis, daí a necessidade e a urgência de implementar políticas públicas de ação afirmativa em vez de se limitar ao espírito das leis repressivas, sabendo que embora necessárias não surtiriam as mudanças esperadas (p. 5).

E sobre a questão das ações afirmativas no Brasil, expõe:

Numa sociedade racista, onde os comportamentos racistas difundidos no tecido social e na cultura escapam do controle social, a cota obrigatória se confirma, pela experiência vivida pelos países que a praticaram, como uma garantia de acesso, e de permanência neles, aos espaços e setores da sociedade até hoje majoritariamente reservados à “casta” branca da sociedade. O uso desse instrumento seria transitório, esperando o processo de amadurecimento da sociedade global na construção de sua democracia e plena cidadania. Paralelamente às cotas, outros caminhos a curto, médio e longo prazos projetados em metas poderiam ser inventados e incrementados. Tratando-se do Brasil, um país que, desde a Abolição, nunca assumiu o seu racismo, condição *sine qua non* para pensar em políticas de ação afirmativa, os instrumentos devem ser criados através dos caminhos próprios ou da inspiração dos caminhos trilhados por outros países em situação racial comparável (MUNANGA, p. 34, 2001).

Com relação às mulheres negras na época da escravidão, o período escravocrata também não as poupou de sofrimento por conta do gênero, elas também estavam inseridas nesse âmbito de “trabalho”.

As mulheres negras na escravidão não eram consideradas inferiores aos homens, pelo contrário, elas deveriam fazer o mesmo trabalho pesado que eles, além de fazer tarefas domésticas. Angela Davis, em seu livro “Mulheres, raça e classe” (2016, p. 25) fala um pouco sobre a relação dos senhores com as escravas.

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (p.25).

Isso quer dizer que, além das mulheres negras serem açoitadas, o que eles faziam para mostrar o seu controle sobre as mesmas, elas eram estupradas, prática esta que reforçava a hierarquia entre os senhores e os escravos e para reduzi-las à condição de fêmeas e mais uma vez, provar o seu controle sobre elas.

Angela Davis também fala no seu livro sobre o trabalho doméstico da mulher negra relacionado com a importância da sua capacidade reprodutiva no período da escravidão.

Quando a abolição do tráfico internacional de mão de obra escrava começou a ameaçar a expansão da jovem e crescente indústria do algodão, a classe proprietária de escravos foi forçada a contar com a reprodução natural como o método mais seguro para repor e ampliar a população de escravas e escravos domésticos. Por isso, a capacidade reprodutiva das escravas passou a ser valorizada. Nas décadas que precederam a Guerra Civil, as mulheres negras

passaram a ser cada vez mais avaliadas em função de sua fertilidade (ou da falta dela): aquela com potencial para ter dez, doze, catorze ou mais filhos era cobiçada como um verdadeiro tesouro (*Ibidem*. p.25).

Após a abolição do tráfico internacional de escravos, a produção começou a ficar reduzida por conta do déficit de escravos, então eles precisavam de mais escravos. Como não poderiam comprar de outros países eles tiveram que “produzir” mais escravos. Ou seja, quando foi proibido o tráfico internacional de escravos, as mulheres negras, bastantes férteis de acordo com as análises superficiais de seus senhores, precisavam “reproduzir” mais escravos para o trabalho doméstico, então, as mulheres com maior capacidade reprodutiva eram as mais importantes, pois tinham o papel de manter a continuidade da mão de obra escrava nesse contexto social. Mas, mesmo gestantes, não deixavam de fazer o trabalho pesado e muitas vezes perdiam as crianças, algumas tentavam até abortar o filho, que na maioria das vezes era fruto de um estupro, para que não precisassem passar pelo que elas passavam.

Com isso, verificamos que o racismo no Brasil é um problema histórico que foi criado com a escravização de pessoas negras e foi agravado após esse período nefasto, quando esses sujeitos, que eram para ser livres, ficaram presos aos lugares subalternos da sociedade por falta de uma adequada inserção social. Foram 300 anos de escravidão, o que excluíram os negros ao acesso de estudo, moradia, saúde e à informação. Além disso, como já dissemos, o negro era considerado naturalmente com um ser inferior, logo, não era necessário dar atenção e importância à condição dessas pessoas nas sociedades. Desse modo, não era interessante para os homens brancos da elite fazer com que as pessoas negras estivessem inseridas socialmente, uma vez que a sociedade com pessoas negras era considerada atrasada e eles queriam apenas o branqueamento da população e se manter no poder. Contudo, o racismo não é irreversível, pode ser minimizado com acesso à informação, com a mídia, com políticas públicas de inserção das pessoas negras nos espaços públicos, como universidades e na política, por exemplo.

A seguir, teremos um capítulo que tratará sobre como a mulher negra é representada na mídia com a análise de novelas da primeira década dos anos 2000, assim como propagandas que eram veiculadas nesse período. Falaremos também sobre o impacto que

essa representação causa na vida de crianças e mulheres negras. Essa representação se dá por conta do legado que a escravidão deixou, com as mulheres negras sempre subalternizadas e objetificadas, além de mostrar conquistas do feminismo negro nesses últimos anos.

CAPÍTULO DOIS: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA BRASILEIRA NA POPULAÇÃO: COMO AS MULHERES NEGRAS SÃO REPRESENTADAS NESSA MÍDIA?

Levando em consideração a composição da população brasileira, de acordo com o IBGE (2020), os negros são maioria na população. As diferentes mídias existentes são a principal fonte de informação da população, o que tem grande influência sobre a mesma. É um grande polo para formar a opinião do cidadão, que geralmente reproduz o que vê e o que houve. Por conta do fluxo de informações na atualidade, transformar essa gama de informações em conhecimento não é tarefa simples, levando em consideração a rapidez dos fluxos de informação nas sociedades e por vezes, a grande falta de acesso à educação formal presente na sociedade brasileira.

Segundo a autora Ellen Fernanda Gomes no seu artigo “O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade” (2009. p.2) a mídia é uma arma poderosa e pode funcionar para controlar a população, como podemos ver no trecho a seguir:

A mídia é chamada e considerada o Quarto Poder, ou seja, o quarto maior segmento econômico do mundo, sendo a maior fonte de informação e entretenimento que a população possui. O poder de manipulação da mídia pode atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham sem opinião própria (p.2).

Ou seja, sendo um dos maiores poderes econômicos do mundo, a mídia é controlada pela elite, que geralmente mostra uma visão não muito ampla das realidades, exibindo apenas o que é favorável para eles que a população veja, aprenda e reproduza. Como uma grande influência na formação de uma opinião geral, acaba formando pensamentos incompletos e pouco consolidados, o que podemos identificar como uma forma de controle social.

A mídia televisiva brasileira sempre foi eficaz quando se trata de reproduzir pensamentos impostos pela elite. A autora Ellen Fernanda, também fala no seu artigo sobre essa força midiática.

A força midiática é notória naquilo que divulga e no que silencia. Sua eficácia também é vista no serviço de ‘inculcar ideias’, com o utilitário de

fazer com que o mundo pareça ser o que vemos nas capas das revistas, telas da televisão ou do computador (p.3).

É muito importante na discussão o momento em que a autora ressalta que essa mídia, controlada pela elite, também silencia o que lhe convém, o que acontece com o intuito de distorcer certas realidades, trazendo à tona apenas o que eles querem que a sociedade veja e aprenda, a fim de formar um senso comum raso e superficial, baseado no que eles ditam como “certo”, ou como regra, mas que não é o certo para todos, se considerarmos as diferentes realidades e vivências.

Em se tratando da mulher negra, a mídia televisiva ainda reforça estereótipos históricos deixados pela escravidão. Com o problema da falta de inserção dos negros na sociedade após a abolição da escravidão, eles continuaram em lugares subalternos e é isso que a mídia televisiva ainda retrata nas novelas e propagandas. As novelas têm um grande alcance popular e são um retrato da realidade como podemos ver em um trecho do artigo “A invisibilidade da mulher negra na mídia”

A programação da rede televisiva bastante presente nos lares brasileiros são as novelas, existe um bordão bem pertinente “A arte imita a vida e a vida imita a arte”, as tramas narradas em capítulos, mostram histórias que acontecem na vida real, fazendo a manutenção da realidade” (p,5).

Falar sobre esse bordão é extremamente importante, uma vez que a mulher negra é representada na mídia apenas em lugares subalternos ou sendo hipersexualizada porque infelizmente, é assim que ela é vista na sociedade brasileira. É esse lugar que ela ocupa socialmente, inferiorizada e/ou hipersexualizada. Para exemplificar de forma mais concreta, a seguir analisaremos três novelas da primeira década dos anos 2000 e duas propagandas, todas exibidas pela Rede Globo.

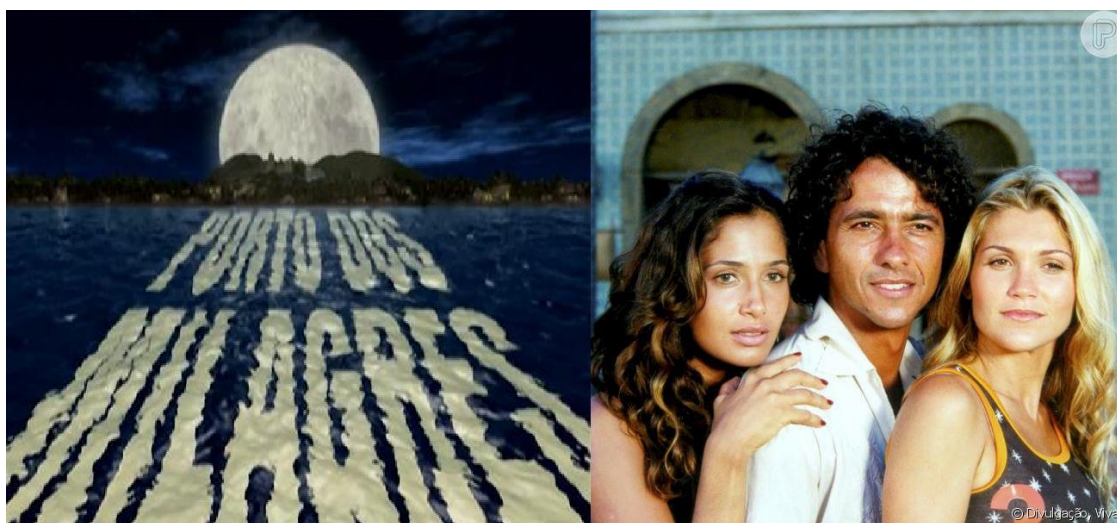
Apresentação das novelas e propagandas:

A seguir, será realizada uma análise das novelas *Porto dos milagres*, *Esperança* e *Caminho das Índias*, ambas exibidas na primeira década dos anos 2000 na Rede Globo de televisão. A emissora foi escolhida por ser uma das mais famosas no Brasil e as novelas,

por mostrar a realidade exposta neste trabalho. Junto com as novelas, serão analisadas, também, duas propagandas que são mais recentes e que também mostram um pouco da realidade da sociedade que estamos inseridos.

Novela 1: *Porto dos milagres* - Uma novela dirigida por Agnaldo Silva e Ricardo Linhares, que foi passada no ano de 2001 às 21h, pela Rede Globo, na qual apenas 4 personagens eram negros: *Esmeralda*, representada pela atriz Camila Pitanga e era uma “baiana sensual”; *Selminha*, representada por Thais Araújo e era uma prostituta; *Mãe Ricardina*, que era representada por Zezé Motta e era uma mãe de Santo: e o *Rufino*, representado por Sérgio Menezes e era um pescador. A trama se passa na Bahia e é dividida entre a burguesia, com a história do “vilão” *Felix*, que assume o lugar de seu poderoso irmão gêmeo que por acaso teve um filho com uma prostituta e o lado dos moradores pobres, que conta a história do pescador *Guma*, que é o herói dos moradores e é disputado por duas mulheres.

Foto 1 – Novela Porto dos Milagres



Fotos:gshow.globo.com. Acesso em 05/04/2021

Novela 2: *Esperança* - Dirigida por Benedito Ruy Barbosa e Walcyr Carrasco, exibida nos anos 2002 e 2003 às 20h, pela Rede Globo, com apenas 3 personagens negros: *Nhá Rita*, representada por Chica Xavier, que era uma empregada doméstica; *Julia*, representada pela

atriz Sheron Menezes que além de empregada, era filha bastarda do Barão do Café; e *Mathias*, representado por Milton Gonçalves, que era estivador do cais. A novela retrata o romance de dois italianos, um romance que não é aceito pelo pai da moça pelo fato do seu amado ser pobre.

Foto 2 – Novela Esperança



Foto:wordpress.com. Acesso em 05/04/2021

Novela 3: *Caminho das Índias*- Dirigida por Glória Perez, exibida pela Rede Globo no ano de 2009 no horário das 21h, e tinha somente 5 personagens negros: *Suellen*, representada pela Juliana Alves e era uma garçonete; *Cema*, representada por Neusa Borges e era uma empregada doméstica; *Ademir*, representado por Sidney Santiago e era um adolescente esquizofrênico; *Maico*, representado por Mussunzinho que era um adolescente; e *Hari*, representado por Cadu Paschoal que era um menino rejeitado por ser um “intocável” (o último nível do sistema de castas da Índia). A novela se passa simultaneamente nos dois países, Brasil e Índia, onde a história principal se passa na Índia, contando o amor proibido de *Meetha*, que pertence a uma família tradicional com *Bahuan*, um intocável, um impuro de acordo com a religião da família.

Foto 3 – Novela Caminho das Índias

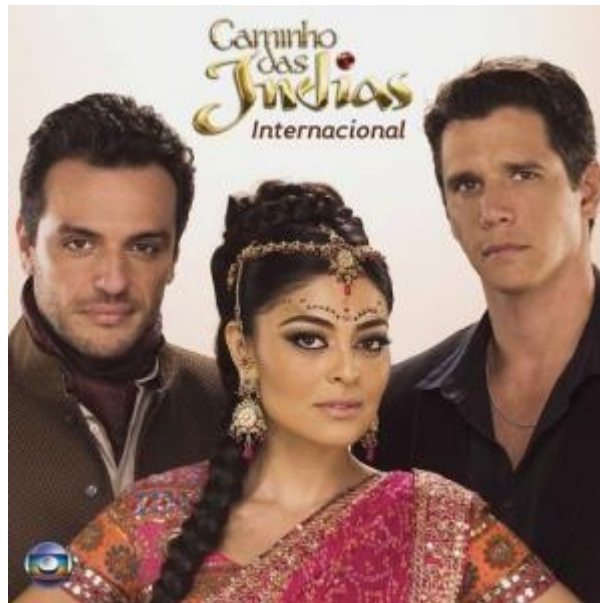
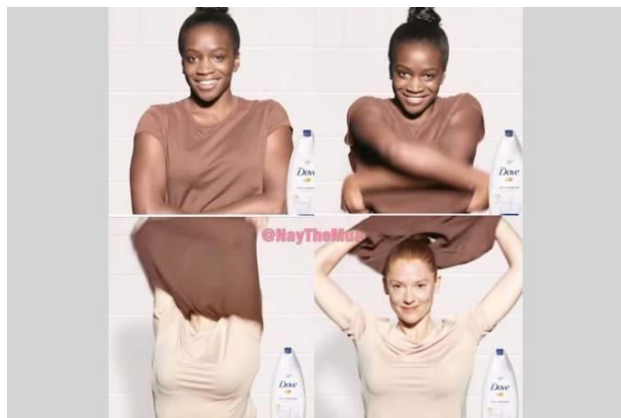


Foto:vagalume.com. Acesso em 05/04/2021

Propagandas:

Foto 4- Propaganda de sabonete da marca *Dove*



Fonte: site exame. Acesso em 09/03/2021.

Uma propaganda da marca de Sabonetes *Dove*, um “gif” que passava nas redes sociais no ano de 2017.

Figura 1 – Propaganda da cerveja Devassa



Fonte: Portal Geledés. Acesso em: 09/03/2021.

Uma propaganda da cerveja preta Devassa, exibida em 2013.

Análise das novelas e propagandas:

Foram escolhidas novelas recentes, da primeira década dos anos 2000, para mostrar como os resquícios da escravidão ainda cercam a nossa sociedade, principalmente quando o assunto é mídia. Nas três novelas apresentadas, podemos perceber que não há predominância e nem mesmo tentativa de equidade entre a quantidade de personagens negros e brancos, e quando aparecem, quase nunca são os personagens principais e sim em lugares subalternos da sociedade.

Como já havia dito anteriormente, as novelas são um retrato da realidade atual da sociedade, isso quer dizer que, se os negros são representados desse jeito nas novelas, é desse jeito que eles são vistos pela sociedade e infelizmente, na maioria das vezes é nesses lugares que eles estão obrigatoriamente inseridos, sem nunca esquecermos o processo estrutural que embasa tais relações no Brasil.

É importante ressaltar, também, que todas essas novelas foram exibidas em horário nobre, horário reservado por ser uma espécie de medidor da audiência, um horário com alto custo para a televisão. Isso porque esse é o horário que a maioria dos trabalhadores já estavam em casa e, como era de costume, toda a família poderia se reunir para assistir, a fim de que a novela alcançasse o maior número de telespectadores, uma boa estratégia de marketing, pois todas essas novelas fizeram bastante sucesso.

É importante falar sobre a primeira novela, que se passa na Bahia, no Nordeste brasileiro, onde a maioria da população é negra e na novela a maior parte dos personagens são brancos, destoando da realidade do local. Logo, além de não apresentar uma quantidade significativa de negros na trama, pecou na representação da população regional, destoando fortemente da realidade. Na segunda novela, onde mais uma vez não há predominância de elenco negro, é válido ressaltar sobre a filha bastarda do Barão do Café, que faz referência a uma questão muito grave, que era o estupro das mulheres escravizadas pelos seus senhores, ou até mesmo as que eram iludidas com promessas vazias e se apaixonavam por eles, o que não deixa de acontecer hoje em dia com as empregadas domésticas. Já na terceira novela, consideramos também atentar, além dos outros personagens em lugares subalternos, no personagem *Hari*, que era um “intocável”, que de acordo com o sistema de castas indiano (excludente, racista e discriminatório em sua essência), que é inclusive relacionado diretamente à religião mostrada da novela, é uma pessoa que deveria ser excluída da convivência em sociedade por ser um cidadão de classe inferior e sem importância, representada por um ator negro, o que pode referenciar também o período logo após a abolição da escravidão, que os negros não foram devidamente inseridos na sociedade e foram sendo excluídos, o que era a intenção da elite da época.

Isso mostra que, como já havíamos visto no primeiro capítulo, o racismo ainda está presente na nossa sociedade como o resquício de 300 anos de escravidão no Brasil, e ainda assim, depois de tanto tempo abolida, os negros ainda padecem com as consequências de todo esse sofrimento, sendo tratados como inferiores na sociedade brasileira.

Com relação às propagandas, estas também têm um papel muito importante, já que podem ser exibidas em qualquer meio de comunicação, a qualquer hora. É muito grave o

que é visto com relação às propagandas escolhidas. É possível verificar na primeira propaganda, onde o anúncio de uma marca muito famosa de sabonetes mostra na primeira cena uma mulher negra com uma blusa marrom, que representa a “sujeira”, e na segunda cena, após o uso do sabonete *Dove*, uma mulher branca com uma blusa clara. Quando a propaganda era exibida, a mulher negra tirava a blusa em uma referência de “limpar a pele”, após o uso do sabonete *Dove*. Uma propaganda super recente passada no ano de 2017, com o racismo estampado! O que mostra o quanto nós enquanto sociedade temos que superar o quesito racismo, por ser um assunto muito sério e embora depois de tanto tempo ainda ser um assunto atual. A propaganda foi bastante criticada nas redes sociais e, após alguns dias de exibição, a própria *Dove* a retirou do ar e fez um pedido de desculpas público. Ressaltamos que essa ação somente foi realizada por conta da polêmica gerada, ou seja, precisou toda uma mobilização de pessoas para que o racismo estampado na propaganda fosse denunciado. Esse tipo de campanha deveria ser vetado desde a sua gênese.

Já a segunda propaganda, mostra um lado bastante significativo, que é a hipersexualização da mulher negra. A propaganda foi exibida em 2013, e diz literalmente que uma negra só é uma verdadeira negra se “tiver um corpão”. Percebe-se nitidamente a exposição e exploração dos atributos da mulher negra, fazendo um contraponto, uma chamada ao consumo da cerveja. Essa propaganda além de racista, é também extremamente machista e sexista e que faz referência também às mulheres escravizadas, que eram abusadas sexualmente por seus senhores, tendo seus corpos violados e coisificados, e que até hoje em dia, o corpo da mulher negra é visto assim, como um objeto, passível de ser apenas mostrado e usado.

É essencial falar, sobre como a mulher negra se sente vendo que na mídia ela não é representada e quando é, aparece apenas nesses lugares. Sobre como isso mexe com a autoestima de uma mulher negra, que não se vê representada em lugares de destaque em novelas, ou em comerciais de moda, ou beleza. Desde que são pequenas, não veem uma boneca com a sua cor, isso as faz questionar sobre a sua cor, o seu cabelo, ou até mesmo a profissão que devem seguir, já que a mídia é uma influência muito grande.

Tudo isso, influencia o processo de embranquecer a população, que vimos no capítulo anterior, com o fim da escravidão. Muitas mulheres negras alisam o seu cabelo para querer parecer um pouco mais com as mulheres que veem na televisão, muitas crianças negras não se sentem confortáveis com o tom escuro da sua pele, pois elas não veem o seu tom de pele representado nas modelos, por exemplo. Além de muitas mulheres negras também, terem vontade de casar-se com homens brancos, para que seus filhos nasçam claros, para não passarem por todo esse preconceito e não se sentirem assim. Isso é muito grave, uma vez que interfere no olhar da mulher negra sobre si.

Desse modo, faz-se necessário a reivindicação dos movimentos negros, como uma forma de resistência. E movimentos feministas, que lutam para que os direitos das mulheres sejam respeitados, e em especial para a discussão, o movimento do feminismo negro, que visa as particularidades que tem a mulher negra, que sofre com o machismo e o racismo.

O feminismo negro é um movimento extremamente importante, já que mulheres brancas já não passam por esse tipo de problemas como esse da mídia, porque elas estão ali representadas, e nem com o racismo. A autora Sueli Carneiro, em seu artigo “Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero” (2003), fala um pouco sobre essa diferença.

Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca (p.3).

Isso quer dizer que o movimento do feminismo negro, não é uma segregação do movimento feminista, e sim um olhar de uma perspectiva diferente, uma vez que, apesar de se tratarem de mulheres, são mulheres diferentes em suas particularidades, e passaram e ainda passam por opressões distintas.

O movimento feminista negro, encoraja a independência da mulher negra, e fortalece a sua autoestima, mostrando que a sua cor e os seus traços também são bonitos, incentivando o amor próprio. O movimento também mostra que é fundamental a luta pelos seus direitos, porque sofremos muito no passado e hoje vivemos o reflexo desse sofrimento, portanto, se não lutarmos essa situação não vai mudar.

CONCLUSÃO

Como vimos, o período escravocrata no Brasil deixou muitas marcas na sociedade. O fato dos homens e mulheres negros terem sido escravizados por séculos e ainda, depois de tudo isso não terem sido acolhidos e inseridos de forma adequada na sociedade, e o processo de branqueamento após a abolição da escravidão, foram e continuam sendo decisivos para o que vivenciamos hoje. A história do negro no Brasil infelizmente foi formada com o racismo, mas não significa que não possa mudar, pelo contrário, com informação e luta esse cenário pode ser mudado. O problema é que ainda hoje, a elite brasileira é formada por homens brancos e não é interessante para essa elite, que os negros saiam dos lugares subalternos da sociedade.

Quanto a história da mulher negra, podemos observar duas questões importantes: a mulher não deixou de sofrer na escravidão por ser mulher, pelo contrário, sofreu opressão pela sua cor e ainda era abusada pelos senhores, trabalhavam nas lavouras e fazendo as tarefas de casa. Hoje em dia, ainda é representada na mídia na maioria das vezes por esses lugares, como empregada doméstica como vimos nas novelas, e também em lugares que o seu corpo é hipersexualizado, como pudemos observar com o breve relato sobre a história da “*Mulata Globeleza*” e na propaganda da cerveja Devassa.

A mídia, com toda a influência que exerce, é uma grande formadora de pensamentos da população. A falta de representação da mulher negra nessa mídia é muito grave, já que a mídia tem esse poder sobre a população. Quando a mulher negra não é representada ou é apenas vista em lugares subalternos, forma uma imagem de que este é o seu lugar, o que faz com que as pessoas, até mesmo as próprias mulheres negras tenham esse pensamento e isso é muito grave por incentivar ainda mais o racismo.

Com essa análise, pudemos ver o quanto a mulher negra é (in)visibilizada na mídia televisiva brasileira. Com poucos personagens negros em novelas, e quando são vistos, não ocupam lugares de destaque e sim apenas lugares subalternos, ou de hipersexualização dos seus corpos. E nas propagandas observamos também o quanto esse assunto da mulher negra é atual, e que ela ainda sofre muito com o machismo e o racismo, que como já dito

anteriormente, esse racismo é fruto de séculos de escravidão, e como mulheres ainda sofrem por viver em uma sociedade patriarcal.

Assim, podemos concluir destacando que o feminismo negro é extremamente importante para essa discussão. Ele nos encaminha para a evolução dessa pauta, como um movimento que preza e luta pelos direitos da mulher negra, que incentiva a independência e o amor próprio, o que é fundamental para o caminhar para uma sociedade onde a mulher negra tenha os seus direitos respeitados.

REFERÊNCIAS

BECKLES, H.M.C.D. Os domínios do prazer: a mulher escrava como mercadoria sexual. In: Revista Outros Tempos, Volume 8, número 12, dezembro de 2011 – Dossiê História Atlântica e da Diáspora Africana.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CARTA CAPITAL. O teu discurso não nega, racista. 2017. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-teu-discurso-nao-nega-racista/>>. Acesso em 04 de outubro de 2019.

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. S. Paulo: Biotempo, 2016.

ENLAÇANDO SEXUALIDADES. A invisibilidade da mulher negra na mídia, 2017.

FERNANDES, E. O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade, 2009.

FERNANDES, F. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Dominus/Editora Universidade de São Paulo, 1965.

MEMÓRIA GLOBO. < <https://memoriaglobo.globo.com/>>. Acesso em 02/03/2021

MUNANGA, K. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica[S.l: s.n.], 2003.

_____. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 140 p. (Identidade brasileira).

_____. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. Cadernos Penesb, Niterói, n. 12, p. 169-203, 2010.

NASCIMENTO, A. O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978. p. 1.

PNAD. Pesquisa nacional de amostras por Domicílio – PNAD Contínua. Rio de Janeiro, 2020.

RIBEIRO, D. Lugar de fala. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

_____. Quem tem medo do feminismo negro? S. Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, I.G.S.; BENELLI, S.J. Jovens negros em conflito com a lei e o racismo de Estado. IN: Revista Interdisciplinar em Direitos Humanos. Bauru, v. 5, n. 1, p. 245-262, jan./jun., 2.

RUFINO, J. S. O que é racismo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, D. J. S.; PALOMARES, N. B.; NORMANDO, D.; QUINTÃO, C.C.A. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. Dental Press J Orthod **121** 2010 May-June;15(3):121-4.

SILVEIRA, B. Minidicionário da Língua Portuguesa, São Paulo: FTD, 2016.

THEODORO, M. As Políticas Públicas e a Desigualdade Social no Brasil 120 anos após a Escravidão, Brasília: Ipea, 2008. Brasília.